

Tecnologias Sociais Geram Qualidade de Vida para Família do Semiárido



É no Sítio Vaca, no município de Acopiara, na região Centro-Sul do Ceará, que o casal Geraldo Antônio de Lima (62 anos) e Célia Alves de Lima (54 anos) sobrevivem através da criação de animais e produção de frutas, legumes, hortaliças e outras culturas.

A propriedade possui cerca de 6 hectares e a família tem cisterna de primeira água, que é utilizada para consumo e o preparo da alimentação diária, cisterna-calçadão que é utilizada na produção de galinhas e irrigação de plantas frutíferas e eles também contam com o sistema de tratamento e reúso de águas cinzas para produção de alimentos no quintal da casa.

O casal possui quatro filhos: Suelda A. de Lima de 36 anos, Suzana A. de Lima de 35 anos, Gildazio de Lima de 28 anos e a Suélia A. de Lima de 23 anos, mas apenas Gildazio e Suzana moram próximos e acabam contribuindo também com a produção da família.

Seu Geraldo e Dona Belê, como é chamada pelos mais próximos, se conheceram no Sítio Vaca de onde são naturais. Trabalharam na roça juntos e como uma semente plantada, cuidada e irrigada na terra, o amor floresceu. Após cinco anos de namoro, resolveram se casar e morar nas terras de herança do pai de Seu Geraldo, Antônio Vicente. A terra fica distante 13km da sede de Acopiara.



Seu Geraldo, antigamente, plantava apenas milho e feijão, pois era a cultura mais viável à época e era apenas para o consumo. "Naquele tempo, era mais fácil plantar milho e feijão, e também a gente não tinha muita alternativa, e só dependia do inverno, então não dava pra arriscar em outras coisas", frisa Seu Geraldo.



Dona Belê, lembra que percorria trezentos metros para conseguir água para beber e mesmo assim, a água da cacimba não era boa pra consumo porque era “pesada” (resíduos de ferro) e salobra. “A água tinha muita capa rosa e muito sal e precisávamos tratar para beber. Não era fácil. Principalmente porque era preciso carregar em baldes e cabaças”, relata Belê.

A primeira tecnologia (Cisterna de 1ª Água) chegou em meados de 2002 e ajudou a melhorar a capacitação e o armazenamento de água das chuvas. A partir daí, conquistaram a Cisterna-calçadão (2016) e por último, o sistema de reúso de águas (2018).

Seu Geraldo e Dona Belê produzem cheiro-verde, berinjela, cebolinha, pimentão, mamão, pimentinha, maxixe, jerimum, tomate, macaxeira, banana, limão, acerola, laranja, goiaba, mexerica, graviola, coco e ervas medicinais como: cidreira, malva, capim-santo, hortelã, além da criação de porcos e aves. Seu Geraldo lembra que nunca produziu tanto e que além de consumir, vende o que sobra. “Aqui não tinha água e nem energia, era muito difícil. Agora, com água nas cisternas, fica fácil de produzir. Antes eu precisava comprar frutas, legumes, mistura, agora eu me alimento e o que sobra, a gente vende e dá pra ir ganhando a vida. É muito bom”, explica Geraldo.



Os trabalhos são divididos. Dona Belê fica com a horta e Seu Geraldo com os animais e plantas frutíferas. E o casal não pensa em parar por aí e sonha em produzir cada vez mais. “Todo trabalho é dividido, mas sempre trabalhamos juntos. Quero cada vez mais produzir e ir ganhando a vida”, diz Dona Belê.

A Assessoria do Instituto Elo Amigo foi de fundamental importância na vida de Dona Belê e Seu Geraldo. O acompanhamento, as capacitações, intercâmbios, ajudaram a fortalecer a união entre famílias, além de trocas de conhecimentos. “Nós devemos muito ao Elo Amigo, foi uma assistência fantástica! Sem eles, não teríamos conseguido chegar até aqui. Trabalharam duro, ajudaram desde o começo e principalmente depois. Esses dias mesmos, vieram nos visitar e realizar um intercâmbio aqui em casa e foi maravilhoso”, finaliza Geraldo.